

Directora Adelaide F. Leitão
bimensal distribuição gratuita

FERNANDO "pintor" EXPÕE NO CASULO

Fernando Francisco Rosa. (Fernando Pintor) natural e residente em Figueiró dos Vinhos é pintor de construção civil há cerca de trinta e cinco anos sendo sobejamente conhecido de todos pelo seu profissionalismo e dedicação ao ofício.

O que muitos não sabem certamente é que, nos seus poucos tempos livres se dedica à pintura artística, possuindo uma grande sensibilidade e um talento digno de ser divulgado.

"Não sou um artista, somente um curioso, nada mais. Faço o que posso e sei, mal ou bem sou eu que faço e, como tal, fico satisfeito. Não sou um desenhador, gosto mais de desenhar com pincéis e tintas do que com lápis..." Assim se apresenta o senhor Fernando "pintor", uma pessoa sensível à beleza e atraída pela magia das cores que ele tão bem sabe usar... pinta o que gosta ou, como ele diz, o que é capaz, pois os seus conhecimentos nem sempre lhe permitem fazer os trabalhos que gostaria.

Nos seus quadros, em tela ou platex, gosta mais de usar tintas de óleo embora por vezes também empregue tintas

plásticas acrílicas. A este propósito afirma: "São duas tintas diferentes, sobretudo na nitidez das cores. As de óleo são cores fixas, nítidas e reais, as plásticas são baças, degeneram muito, sobretudo os brancos..."

Pela sua familiaridade com as tintas da construção civil, começou por utilizar nos seus trabalhos as tintas de óleo com que pintava os edifícios e, só a partir de 1961, data em que imigrou para França adquiriu algumas bases sobre a pintura a óleo pelo contacto com artistas plásticos que, reparando no seu interesse lhe transmitiram alguns conhecimentos. Desde que regressou a Portugal, em 1973, só no início do passado ano de 1988, por incentivo de familiares, recomeçou a pôr em prática a sua veia artística tendo efectuado um número considerável de obras.

São pois alguns destes trabalhos que vão estar expostos na galeria durante o mês de Janeiro e que constituirão certamente uma agradável revelação...



SUBSÍDIOS PARA A MONOGRAFIA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Carlos Martinho Somões

Mandou povoar esta Vila (Figueiró dos Vinhos), dando-lhe grandes foros e privilégios, D. Pedro Afonso, filho ilegítimo de El-Rei D. Afonso Henriques, em 1174.

Destruída pouco depois, provavelmente pelos mouros, foi reedificada em 1187 por D. Sancho I, que a fez Vila de uma pobre aldeia, que então estava sujeita à Vila de Pedrógão Grande, confirmando-lhe no mesmo ano em Santarém o 1º foral que lhe havia dado o citado D. Pedro Afonso. D. Afonso II confirmou-lhe o foral em Santarém no ano de 1218. Finalmente, D. Manuel lhe deu novo foral em Lisboa, a 16 de Abril de 1514. Tem por brazão as armas dos Figueiroenses (cinco folhas de figueira) e em orla a legenda "*Pro Deo et Pro Patria*" (Por Deus e Pela Pátria).

No reinado de D. João II era coudel de Figueiró, Álvaro Anes. Em 1510 era escrivão dos órfãos da mesma Vila Lopo Rodrigues Magalhães...

Tem casa de Misericórdia, Hospital, Igreja Matriz e cinco Ermidas, assim como teve dois conventos, um de Franciscanas e outro de Carmelitas Descalços.

O Convento das Franciscanas que se chamou *Mosteiro de Nossa Senhora da Consolação de Figueiró* foi fundado em 1549 por quatro senhoras naturais da mesma Vila, chamadas Justina do Salvador e sua irmã Catarina do Espírito Santo, Isabel da Conceição e Ana de Jesus, que foi a mais influente.

Em 1708 tinha este convento 94 religiosas. Nele brilhou Soror Antónia da Trindade, natural de Cantanhede, que tomou o nome de Brites da Cruz. Estudou gramática e latim, após o que desejando entregar-se ao estudo de Teologia, vestiu-se de homem e matriculou-se na respectiva Faculdade na Universidade de Coimbra onde deu boa conta de si. Descoberto o disfarce teve que abandonar os estudos e foi então que entrou no Convento.

Houve outro Convento, que se chamou de Nossa Senhora do Carmo de Figueiró, e foi Colégio de Artes e se lhe deu princípio no ano de 1600 pela forma que Fr. Belchior de Sant'Ana descreve na sua "Crónica dos Carmelitas Descalços", que nós aqui descrevemos, adicionando-lhe pequenas notas que encontramos noutras fontes de investigação.

"Era senhor das Vilas de Figueiró e Pedrógão Grande, Pero de Alcaçovas descendente por sua mãe do grande Ruy Mendes de Vasconcelos, que com seu valor e conselho teve grande parte nas vitórias de D. João I".

O dito Pero de Alcaçova de Vasconcelos pediu ao padre provincial Fr. Francisco da Madre de Deus, que alcançasse do Padre Geral a devida licença para fundar em Figueiró o referido convento, alegando "que Figueiró estava em sítio mui agradável, assi por gozar de bons ares e muitas e excelentes águas, como por ter de pão e azeite suficiente quantidade; de castanhas, frutas e vinho abundância; e que os arredores, bem providos de pão e azeite, dariam aos religiosos, que saíssem a pedir por espaço de seis léguas, que mandam as leis, o necessário para seu sustento". Agradecendo muito o Padre Provincial a mercê, que fazia à Religião, tomou muito a

peitos o grangear a licença do nosso Padre Geral e de seu Difinitório. A qual ele deu com grande gosto e despachou logo uma patente, feita em Triana de Sevilha a 27 de Outubro de 1598, para o Padre Prior de Cascaes, Fr. Baptista da Trindade, fazer escritura da função com as condições convenientes. Tanto que o padre Fr. Baptista recebeu a patente, foi ter com Pero de Alcaçova de Vasconcelos, que estava com sua mulher D. Maria de Menezes no termo de Torres Novas, em uma quinta de Jerónimo de Melo Coutinho.

E ali, a 14 de de Dezembro de 1598 se fez em presença de todos a escritura de fundação, com as condições seguintes: Da parte dele a primeira: que daria para se fundar o convento a sua quinta da Eireira, e 400 cruzados cada ano para as obras, enquanto elas durassem. Segunda: que acabadas as obras, ficaria dando cada ano 30 mil reis de esmola e tudo o que fosse necessário de botica, barbeiro, medicina e sustento para os enfermos. Terceira: que não chegando as esmolos a sustentar os religiosos, ele proveria o que faltasse e juntamente faria todos os gastos da Sacristia e mandaria reedificar qualquer parede que caísse.

Da parte da Religião foi a 1ª. condição — que diria o Convento pelas almas e intenção dos Senhores padroeiros uma missa rezada quotidiana e um officio solene de defuntos de nove lições com missa cantada no oitavo de Todos as Santos, e que no mesmo dia celebrariam todos os sacerdotes pela mesma tenção.

Segunda — que todos os sacerdotes dizendo missa meteriam na oração *et famulos tuos* estas palavras *Patronos notros*.

Terceira — que não se enterraria ninguém dentro da Capela-Mór, Cruzeiro da Igreja, Capítulo, e *De profundis*. E que poderiam ter os padroeiros uma tribuna para a Igreja, em lugar conveniente, para ouvirem os divinos Offícios; da qual teriam os Religiosos a chave. Feita a escritura, entregou Pero de Alcaçova ao Padre, a licença que passou o Bispo de Coimbra, D. Afonso de Castelo Branco, para se fazer a fundação nesta forma, na qual bem manifesta a muita devoção que nos tinha.

"Visto o muito fruto que os Padres Carmelitas Descalços têm feito e fazem neste Reyno, principalmente na salvação das almas, lhes damos licença que possam fazer um Mosteiro na Vila de Figueiró dos Vinhos neste nosso Bispado. E encomendamos a todos os fiéis cristãos, principalmente aos Priores, Vigários e Clérigos deste nosso Bispado, que os ajudem e favoreçam em tudo o que se oferecer, como nós também faremos. Em Coimbra sob o nosso sinal somente, aos 10 de Dezembro de 1598".

Durante o ano de 1599 não pôde ter princípio o Convento, porque ocupações forçosas impediram o fundador.

Entrado o ano de 1600 assentou ele com o padre Visitador, Fr. José de Jesus Maria, que a fundação se fizesse no dia da Ascensão de Cristo a 11 de Maio, como de facto se fez, escolhendo o padre Visitador para ela os padres Fr. António do SS. Sacramento, Fr. Manuel de S. Gregório, Fr.

Alberto de Jesus, e o irmão F. João da Encarnação.

Com eles se achou em Figueiró o padre Visitador e nos paços do senhor Pero de Alcáçova deu princípio ao Mosteiro com a invocação de Nossa Senhora do Carmo, fazendo Vigário dela ao padre Fr. António do S. Sacramento.

Houve grandes festas e não menor regozijo tanto dos moradores como de Pero de Alcáçova, que aprovou e festejou que um criado seu, natural de Regalados, tomasse o hábito de Donado com o nome de Pedro da Madre de Deus. O Convento se fez de empréstimo nos paços, enquanto se acomodava a Casa, que havia de ser, pelo que tratou logo o fidalgo de fazer obras na quinta da Eireira, que tinha dado para ele. Mas parecendo ao padre Visitador que não convinha pôr um Mosteiro em sítio tão afastado do povo, persuadiu o fundador a que o fizesse junto aos seus paços, que estavam no princípio da Vila. Resolvido em assim o fazer, comprou a Francisco de Andrade um assento de Casas e quintal e uma vinha por 175 mil Reis, no qual, depois de o padre Vigário Fr. António do Santíssimo Sacramento fazer deicção do sítio da Eireira, com licença do padre Provincial, lançou a primeira pedra aos 3 de Julho de 1601.

No Capítulo Provincial celebrado em Coimbra em 1624, foi o Convento de Figueiró destinado a Colégio das Artes. Começou o Curso de Fisolofia no primeiro de Outubro de 1925, sendo seu primeiro leitor Fr. Diogo de Jesus.

Como Colégio de Artes, o Convento de Nossa Senhora do Carmo de Figueiró era um dos mais importantes da Ordem dos Carmelitas Descalços. Os seus frades os prégadores desta região e nela fizeram grande colheita de fieis.

Pero de Alcáçova de Vasconcelos faleceu em Figueiró a 12 de Setembro de 1617, e sua mulher, D. Maria de Menezes, em Madrid, em 1638, deixando 200 mil réis ao convento. Sucederam-lhe no senhorio de Figueiró e Pedrógão Grande sua filha, D. Ana de Vasconcelos e Menezes, casada com Francisco de Vasconcelos, primeiro Conde de Figueiró, Gentil-Homem da Câmara de El-Rei Filipe IV e Mordomo-Mór da Rainha de Espanha, D. Isabel de Bourbon.

Como o primeiro Conde de Figueiró e sua mulher

morressem sem descendência, passou o Padroado do Convento para a Casa dos Condes de Castelo Melhor.

Foram diversos os senhores de Figueiró dos Vinhos e Pedrógão Grande, como os Condes do Redondo e outros Fidalgos que se distinguiram quer em feitos heróicos, quer em empreendimentos ligados à expansão de Portugal no Mundo. Ceuta e a India Assinalaram nomes que pertencem à História de Figueiró, berço de figuras ilustres nos campos da Ciência, das Letras, da Arte e do Pensamento. Tomamos, entre muitos exemplos, D. Pedro de Figueiró, filho de João de Faria e de Isabel da Fonseca, pessoas nobres da Vila. Aplicou-se ao estudo das línguas orientais, tais como a grega, a arábica, a caldaica e a hebraica, que conheceu a fundo, principalmente a última, a ponto de ser chamado antonomasticamente o Hebraico. Falava e escrevia correctamente tanto latim como hebraico. Depois de ter recebido o Grau de Mestre em Artes pela Universidade de Coimbra e ter estudado dois anos Teologia, recebeu o hábito de Cónego Regrante de Santo Agostinho das mãos do Geral D. Dionísio dos Anjos em Real Mosteiro de Santa Cruz daquela cidade, em 1543. A fama do seu grande talento moveu Filipe, o Prudente, a oferecer-lhe a Cadeira de Prima da Sagrada Escritura na Universidade de Coimbra, a qual recusou por modéstia, alegando ser contra a clausura que professava. Em Abril de 1564 recebeu o Grau de Doutor em Teologia pela mesma Universidade. Leu, durante muitos anos, Escritura no Mosteiro de Santa Cruz, onde lhe vinham tomar postilha não só estudantes, mas religiosos de todos os Colégios de Coimbra. Até os varões mais doutos da Universidade o iam ouvir explicar. Comentou os profectas menores, o que lhe mereceu o título que lhe deu o insigne D. Fr. João Soares, Bispo de Coimbra, de *Jerónimo dos nossos tempos*. Apesar de viver no Mosteiro de Santa Cruz durante 50 anos, nunca conseguiram que ele aceitasse ser Prelado da Ordem. Faleceu no referido Mosteiro, no dia 11 de Janeiro de 1592. Deixou várias obras impressas e manuscritas, que vêm citadas na Biblioteca Lusitana do Abade Diogo Barbosa Machado.

(In "Antiguidades, Famílias e Varões Ilustres de Semache do Bom Jardim e seus Contornos", de Cândido Teixeira)



CONVENTO DO CARMO

feira do livro

A Feira do Livro, que decorreu no passado mês de Dezembro, registou uma grande afluência de Público, tendo sido muitos dos livros vendidos. Este Certame que contou com a colaboração das Editoras Europa / América, Edições 70, Civilização, Livros do Brasil, Lusodicta e Presença — proporcionou a todos quantos o visitaram a oportunidade de adquirir obras, que não se encontram com facilidade no mercado local, a preços bastantes reduzidos.

A Feira integrou-se na programação do Centro para a época natalícia e procurou sensibilizar os associados em particular e a população em geral para a leitura e sua importância na formação educativa e cultural do homem.

OTJ e OTL chegam ao fim

No passado ano de 1988, o Centro aderiu aos programas de juventude OTJ e OTL, tendo integrado nas suas actividades sete jovens (4 OTJ e 3 OTL) que contribuíram com o seu esforço e dedicação para a concretização do programa estabelecido, possibilitando a realização de projectos e acções que, de outra forma seriam bastante difíceis de levar a efeito.

Estes programas foram patrocinados pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP) e Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis (FAOJ).

cursos de formação no centro

A importância de se dispôr na comunidade e, principalmente no Centro Cultural, de agentes de desenvolvimento capazes de implantar, gerir e incentivar projectos e acções nos mais variados domínios, levou o Centro a candidatar-se para o ano de 89 a dois cursos de formação promovidos pelo FAOJ: Gestores Associativos e Jornalismo.

Pretende-se com estes cursos dar formação a um conjunto de jovens que possam vir a desenvolver no futuro, nas regiões mais carenciadas do ponto de vista associativo e, nomeadamente nas Associações existentes, actividades e acções tendentes à sua dinamização e intervenção na vida da comunidade.

exposição OTJ/88

O Centro de Emprego e a Delegação do FAOJ de Leiria promoveram uma exposição de trabalhos dos jovens integrados no Programa OTJ / 88. Os trabalhos expostos abordavam as diversas experiências vividas pelos jovens OTJ nos diversos organismos e entidades em que estiveram enquadrados e tarefas que realizaram.

Os jovens integrados no Centro Cultural não ficaram alheios a esta iniciativa e elaboraram um trabalho conjunto relativo à sua actividade e experiência adquirida no período de nove meses em que estiveram ao serviço desta Associação.

Nesta iniciativa, que integrou trabalhos de jovens de todo o Distrito, procedeu-se também à apresentação de vídeos, e à realização de um debate final.

A mostra esteve patente ao público no ex-mercado de Santana em Leiria.

subsídio do I N A

“Todos os cidadãos têm direito a um ambiente humano e ecologicamente equilibrado e o dever de o defender...” Lei de Bases do Ambiente, Artigo 2.º Atento a esta realidade o Centro Cultural inscreveu-se no Instituto Nacional do Ambiente como Associação de Defesa do Ambiente. Assim, encontra-se melhor dotado de meios legais para defesa do património natural e constituído, conservação da natureza e promoção da qualidade de vida.

Para uma efectiva e real prossecução destes fins e tendo em conta particularmente a informação e formação dos cidadãos, o Instituto Nacional do Ambiente atribuiu ao Centro Cultural um subsídio no valor de 319.500\$00.

Entrámos num novo ano.

1989 chegou e, com ele, a expectativa e o incentivo... É mais um ano que começa, com todas as suas inovações e mistérios...

Novos desafios e iniciativas irão surgir na vida desta jovem Associação de sete anos de existência vocacionada essencialmente para a salvaguarda e divulgação do Património cultural do concelho. Neste contexto, cremos que já alguma coisa se fez, mas que ainda há muito a fazer sendo para isso necessário, para além da intervenção da Associação, o empenho de todos quantos (sócios ou não), se interessem pela cultura da sua região.

Este ano será, certamente, um ano de mudança uma vez que nele terão lugar as eleições para os novos Órgãos Sociais do Centro Cultural. Decorridos dois anos após a tomada de posse da presente direcção, em Fev. de 1987, é, em 1989, altura de realizar a eleição da nova Direcção, Assembleia Geral e Conselho Fiscal, responsabilidade que cabe a todos os sócios que deverão comparecer ao acto eleitoral e manifestar o seu voto e interesse pela actividade da Associação.

VISITE O CENTRO CULTURAL
★
INSCREVA-SE COMO SÓCIO



FELIZ
1989

Boletim Informativo do Centro Cultural de Figueiró dos Vinhos

Casulo, Av. José Malhoa
Apartado 29 3260 Fig. Vinhos

Impressão: Oficinas Ribeira de Pera Lda.

Tiragem 1.500ex.

Bimensal

Distribuição Gratuita aos sócios